

# Nair

— Chico, conte-me uma coisa: existirá significado especial no nome de Jesus - você poderia citar, para todos nós, uma fato pessoal do seu conhecimento?

# Chico

— Eu peço licença para contar alguma coisa a respeito.

Aí por volta de 1953 até 1959, quando mudamos para Uberaba, nós sempre, desde muitos anos, fazíamos assistência, uma assistência carinhosa de levar uma oração ou a expressão de fraternidade a doentes, a necessitados, quando uma senhora nos pediu para visitar a irmã dela que tinha se tornado hemiplégica e muda.

A moça tinha uns 40 anos, chamava-se Valéria.

Então, fomos a primeira vez;

nós fazíamos sempre aos sábados nossas visitas.

Íamos visitar Valéria, levávamos um pedaço de bolo, algumas balas, isto que se dá a uma criança, porque a gente não podia fazer mais, mas visitávamos Valéria com muito carinho; eram diversas casas e ela, Valéria, estava numa delas. A irmã dela chamava-se D. Laura.

A casa se erguia num lugar onde em Pedro Leopoldo se construiu o recinto das exposições pecuárias; eu estou explicando, porque alguém na minha cidade poderá

perguntar onde estava esta casa; estava no lugar onde está hoje o recinto das exposições pecuárias.

Então, todos os sábados, durante uns seis anos, visitávamos Valéria e levávamos uma prece e ela guardava um pedaço de bolo debaixo do travesseiro. A irmã dela, a dona da casa, muito distinta, muito amiga, nos recebia com muito carinho.

Num sábado, eu fazia a prece; no outro sábado, outro amigo fazia a prece; no outro, uma senhora fazia a prece, e, assim, estávamos há uns

seis anos, quando Valéria foi admitida por uma gripe pneumônica muito séria e D. Laura chamou um médico e o médico avisou que ela estava às portas de uma pneumonia e a pneumonia se manifestou.

A pneumonia se manifestou e nós chegamos no sábado, ela estava muito abatida e todas as vezes que nós íamos, eu falava:

— Valéria, agora você fala Deus! (Ela lutava muito para falar, porque ela entendia tudo, mas não conseguia.)

Eu falava assim:

— Jesus, Valéria!

Elá fazia força, mas a língua enrolava e ela não conseguia; isso se repetiu mais de seis anos, mas neste sábado, a pneumonia..., eu falei:

— D. Laura, ela está com febre muito alta, o que diz o médico?

— Bem, o médico que está tratando já deu bastantes antibióticos e ela está bem medicada.

E eu falei assim: — Está bem, agora, ao invés de virmos aos sábados, viremos todos os dias.

E ela sempre piorando. Então, num sábado, no último sábado, de-

pois que fizemos a prece, eu falei:

— Valéria, fala Jesus, fala Deus!

E ela: á, á, á, á, á, mas não fala. Eu falei:

— Valéria, Jesus andou no mundo, curou tanta gente, tantos iam buscá-lo nas estradas, na casa onde ele permanecia, e pediam a ele a graça da melhora, da cura, e foram curados.

— Lembra de Jesus andando e você caminhando, embora você não esteja caminhando há tantos anos, lembre de você caminhando e

chegando aos pés dele e dizendo: Jesus! Fale Jesus!

Aí ela falou:

— Josusu, Josusu!

Eu falei:

— Meu Deus, mas que alegria, Valéria falou o nome de Jesus, que coisa maravilhosa! D. Laura, venha cá para a senhora ver!

Ela com muita febre, mas ficou satisfeita falando:

— Josusu! Josusu!

E não me esqueço daquele nome vibrando nos meus ouvidos. Eu falei:

— Ela vai melhorar, ela está falando Jesus, D. Laura.

Nós todos muito alegres, ela sorrindo, mas desinteressada do bolo que tínhamos levado, a febre muito alta. Eu falei:

— Valéria, repete, eu estou tão interessado de ver você falar o nome de Jesus. Fale Jesus, Jesus!

Ela falou:

— Jousu, Jousu!

Mas dando todas as forças.

Aí, eu falei:

— Se Deus quiser, ela está muito melhor.

Mas, no outro dia de manhã, chegou a notícia de D. Laura de que Valéria tinha falecido pela manhã, tinha desencarnado.

Fomos para lá, e tal, e lebramos muito aquela amiga que estava partindo. Comoveu-nos muito e sofremos bastante, porque ela era muito, era muito querida, uma criatura que não falava, mas tinha gestos extraordinários.

passaram e eu mudei para Uberaba e, em 76, fui vítima de um enfarte, enfarte que me levou ao médico, que me hospitalizou em casa. Disse-me assim:

— Não, você pode conturbar o ambiente do hospital com visitas, é melhor você ficar hospitalizado em casa, a porta do quarto ficará com acesso apenas a esta senhora que é enfermeira.

É uma senhora que está conosco de nome D. Dinorá Fabiano.

Então, D. Dinorá era a única pessoa que entrava, para eu ficar 20

dias mais ou menos imóvel e eu fiquei, mas isso não impedia que os espíritos me visitassem e, então, muitos amigos desencarnados de Pedro Leopoldo, de Uberaba, entravam assim à tarde ou à noite e eu conversava em voz alta.

E eu falei:

— D. Dinorá, quando a senhora me encontrar falando sozinho, a senhora não se impressione, eu estou conversando com alguém.

Ela falou:

— Não, eu comprehendo, eu comprehendo.

Ficou naquilo, não é?  
 E uma tarde entrou uma moça muito bonita (no quarto havia sempre uma cadeira perto da cama).  
 Ela entrou, eu falei em voz alta:  
 — Pode fazer o favor de sentar.  
 Ela falou:  
 — *Você não está me conhecendo?*  
 Eu falei:  
 — Olha, a senhora vai me perdoar, eu tenho andado doente com problemas circulatórios e eu estou com a memória estragada e eu não estou me lembrando.

Mas era uma desculpa, era porque eu não estava reconhecendo mesmo. Então, ela falou assim:  
 — *Mas nós somos amigos, eu quero tão bem a você.*  
 Era uma moça morena, muito bonita; aí eu falei:  
 — Olha, eu não posso assim de momento fazer muito esforço de memória, porque o médico me recomendou repouso mental. Minha senhora, faça o favor de dizer o nome.  
 Ela falou assim:  
 —  *Não, eu não vou dizer, eu quero ver se você lembra; eu sou*

*uma de suas amizades de Pedro Leopoldo.*

Eu falei assim:

— Então, a senhora pode falar; se a senhora falar Maria ou Alice, eu conheço tantas. Então fale o sobrenome da família, porque pela família eu vou saber.

Ela falou assim:

— *Não, eu não vou falar, eu vou falar um nome só; quando eu falar, você vai lembrar quem é que eu sou.*

Eu falei:

— Então, a senhora faz o fa-

vor, fala o nome, o nome que a senhora quer falar e ela foi e falou assim:

— *Josusu!*

Eu falei:

— Meu Deus, é a Valéria!

Meu Deus, Valéria, como você está bonita! Eu não mereço a sua visita.

Ela disse:

— *Mas eu vim lembrar os nossos sábados, em que nós orávamos tanto. Eu lembrei da última palavra e eu vim te trazer confiança em Jesus.*

(Chico relata o episódio mui-

to emocionado).

Pôs a mão no meu peito e a dor desapareceu.

Então, isso para mim, eu acho que o nome de Jesus é tão grande, é tão grande que remove os nossos obstáculos orgânicos.

Eu estou com uma angina que ficou como sendo uma herança do enfarte, mas uma angina muito bem controlada. Eu sigo as instruções médicas, as instruções dos amigos espirituais, me abstenho de tudo aquilo que eu não posso usufruir, de modo que eu graças a Deus estou,

vamos dizer, estou doente, mas estou são. Se alguém puder compreender...